



“A aprendizagem lança a errância.”
M. Serres

Viajando nas perguntas

Walter Omar Kohan

Alguns consideram que a muito popular expressão “a filosofia é uma viagem” é um desrespeito à filosofia. Ao contrário, considero-a um elogio à filosofia, sobretudo se pensarmos em uma forma especial de viajar: a errância. Errar é se deslocar sem antecipar o sentido da viagem pois a própria viagem inventará os sentidos. No Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estamos viajando, entre filosofias e infâncias, afirmando uma pedagogia menina da pergunta, dentro e fora da universidade.

No atual contexto, repudiamos a política de morte, o descaso com a vida, e a gestão antidemocrática que viraram o modo oficial de fazer política no Brasil. Pensamos, ao contrário, que a educação é uma forma de viver uma outra política: curiosa, inquieta, esperançadora de um mundo mais bonito, amoroso e justo. Dessa forma a praticamos, dentro e fora da Universidade.

Assim, num momento em que nossas atividades acadêmicas na universidade pública continuam online pela falta de uma política séria de vacinação e cuidado da população, sairei de viagem, com nossa pedagogia filosoficamente menina da pergunta, à busca de encontros que nos ajudem a problematizar o mundo e a forma em que o habitamos. Educar e educar-se exigem sair do lugar. Será uma viagem de formação, de

outras e outros, e também de autoformação, de ensinagens e aprendimentos. Uma viagem menina e errantemente inventiva, no sentido de criadora de caminhos, mas também uma viagem de hospitalidades, cheiros, e a-braços.

Sai de carro, desde Rio de Janeiro, em 22 de julho. Passei por Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará... estou indo a Piauí e Maranhão... tenho viajado com perguntas e atento as perguntas que surgem na viagem... rodas de conversa em escolas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, EJA... tenho visitado assentamentos do MST, escolas indígenas, associações de moradores, comunidades quilombolas... Fazendo exercícios de filosofia e infância, convidando crianças de todas as idades, educadoras e educadores de todos os gêneros com o pé na estrada, as mãos nas perguntas e o coração no mundo... conversando com crianças e adultos, pessoas de todas as idades dispostas a experimentar uma infância no pensamento... pelo gosto de pensarmos juntos o mundo que vivemos e o que poderíamos viver.

O sentido principal das rodas de conversa é homenagear, recriar, reinventar Paulo Freire numa prática de alfabetização filosófica. O que significa isso? Praticar, viver encontros de escuta, perguntas, atenção... experiências de pensamento e pensares da experiência que alimentem práticas outras nas diversas disciplinas que se ensinam na escola, como matemática, português, ciências, educação física, entre outras... mas também fora da escola, em nossas vidas... com os vizinhos, a família, na igreja, com as nossas crianças... tentando sempre manter viva a nossa infância... Faremos muitas perguntas, pensaremos juntos, de forma colaborativa, o que nos inquieta e buscaremos diferentes maneiras de entender o mundo em que vivemos e sonhar com outros mundos.

O que é necessário para participar das rodas de conversa? Curiosidade, inquietação, atenção, humildade, interesse e disposição para pensar e questionar a própria prática. As atividades podem acontecer em escolas, assentamentos; praças, quintais, terreiros, parques, pátios, praias, e lugares de preferência abertos (com cuidados: máscaras e distância).

Walter Omar Kohan
Professor Titular da UERJ